



Aí eu meti a garrafa...

# O caso da onça bêbada

"Olha, seu menino!!! se alguém disser pro senhor que botou o primeiro caminhão de areia no Palácio da Alvorada tá mentindo. Quem descarregou o primeiro caminhão de areia foi esses braço que o senhor tá vendo".

Foi assim que Pedro Alves da Silva, paraibano de Pombal, iniciou sua vida como pioneiro em Brasília.

Fugindo da seca inclemente que assolou o Nordeste em 1956, o carpinteiro paraibano, inicialmente, trabalhou na extração de areia nos córregos que formaram o Lago Paranoá.

Localizamos "seu Pedro" em Sobradinho, onde mora com sua família, trabalhando como carpinteiro no Colégio de Sobradinho.

Diante de sua filha Francisca, nascida em Sobradinho e professora rural, "Seu Pedro" descreveu a luta para a extração da areia nos grotões perto da atual Granja do Torto e do Parque Nacional de Brasília. "Naquela época tinha muita caça por aqui. Ali onde é hoje a Rodoviária a gente via cada braços. Tinha rebanho de ema por todo lado. Nós, os primeiros que viemos pra qui, comemos muita caça.

Hoje a cidade tá quente, mas naquela época fazia um frio da gota. Mas a gente trabalhava com disposição. Todo mundo trabalhava. Não tinha seu "dotô" e "peão".

Por tudo que era lado a gente encontrava o Doutor Sayão.

Encima do trator ou dum jeep dando socorro, era um homem danado. Trabalhando daquele jeito, quem tinha coragem de vagabundar?"

Nós morávamos num barraco de saco de cimento perto das catas.

Aí a gente escutou uma barulheira danada dos cachorros.

Eles tavam correndo atrás duma onça.

Meu irmão criava uns bodinhos e a danada veio comer eles; foi aí que os cachorros esturrou com ela.

Num é que quando chegou em cima do barranco um cachorro garrou na traseira da onça. No que ela vira, ela cai dentro da cata que tava

cheia d'água.

Nós corremos pra lá.

Aí todo mundo começou a jogar pau e pedra nela, e os cachorros acuando.

No que ela fica cansada, ela chegou perto do barranco, e já tava tonta de tanta pedrada, eu peguei numa pata.

Aí um pega numa pata, outro nouta, a gente pôs ela pra fora.

Apareceu um cabra com uma peixeira pra sangrar a bichinha.

Nós num deixamo. Depois duma trabaiera daquela era covardia matar a onça.

Aí eu perguntei: quem tem coragem de pagar uma "29" para eu botar na boca da bicha? Horácio Rodrigues disse "eu pago".

Apareceu a garrafa de pinga e nós abrimos a boca dela com um pau e eu despejei a garrafa de cana na goela dela.

Aí ela ficou molinha.

Teve uns que pensou em comer a onça.

Mas resolvemos então dar ela ao doutor Israel Pinheiro.

Chegamos no Núcleo e procuramos ele. Aí o finado Carneiro virou-se pro doutor Israel e disse: Doutor, a gente trouxe um gatinho pro senhor. Tá aí fora na carroceria do caminhão.

Nisso que o Doutor Israel sai, eu abri a aba da carroceria e ele viu a onça amarrada.

Virou-se pra gente e disse: Vixô! leva lá pro Godoi! (Godoi foi o primeiro administrador da Cidade Livre).

Eu já tinha dado uma "guariba" pro Zoológico, e agora a onça também ia ficar lá.

O doutor Godoi pediu o nome da gente e anotou num papel, e depois explicou que era pra quando o zoológico tivesse funcionando, a gente podia entrar com a família que não pagava".

Perguntei a Pedro Alves da Silva se ele apanhara o cartão: "não, seu menino, ainda não. Mas, eu vou lá qualquer dia e se eles me cobrar eu vou dizer pra soltar a onça e as crias dela, que é tudo meu".